

Intercâmbio de imagens e reconstruções culturais ¹

Dominique Tilkin Gallois*

Imagens muito diversas e contraditórias a respeito dos índios convivem hoje na mídia. Retratos exóticos ainda são convencionais e continuam inspirando representações acerca do primitivismo, que pretendem nos iludir em relação à distância que separaria os povos indígenas do convívio com nossas sociedades. Os índios, ao contrário, tem acessado cada vez mais amplamente imagens e discursos que produzimos a seu respeito, dos quais eles se apropriam como objetos de reflexão. Em outra extremidade deste variado painel de interpretações a respeito da distância entre "eles" e "nós", realizadores indígenas tomaram a iniciativa de falar deles mesmos, de seus modos de viver e pensar.

As possibilidades crescentes de intercâmbio de representações acerca de identidades culturais, cada vez mais borradas, vêm gradativamente eliminando distâncias que, durante muito tempo, legitimaram diversos "especialistas" - entre eles os antropólogos - na posição de produtores de conhecimentos sobre povos distantes. Mas o atual contexto de aproximação entre "eles" e "nós", aumenta as possibilidades de reflexão crítica por parte dos antropólogos, num de seus campos privilegiados: o da tradução entre culturas. O desafio não se limita à descrição da diversidade cultural, mas à construção de novas modalidades de observação e de intervenção, capazes de captar os significados políticos acionados para a construção de diferenças e sua transmissão em diferentes espaços de comunicação.

¹ Este texto retoma algumas questões tratadas em artigos anteriores: Gallois, D.T. "Antropólogos na mídia" (1995), in: Feldman-Bianco, B & Moreira Leite, M.L. "Desafios da Imagem", Papyrus, 1998 e Gallois, D.T. & Carelli, V. "Vídeo e diálogo cultural" Cadernos de Antropologia Visual, UFRS, 01/1995.

* Docente do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, coordenadora do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo – NHII/USP e sócia fundadora do Iepé.

Para avaliarmos qual seria, hoje, o destino dos conhecimentos que os antropólogos costumam produzir em suas pesquisas, enquanto "especialistas" de povos diferentes, poderíamos partir de algumas questões básicas: com quem pretendem compartilhar tais conhecimentos ? como é produzido o conhecimento que pretendem transmitir ? para quem este conhecimento é produzido ? Efetivamente, para cada público-alvo, a transmissão de conhecimentos antropológicos, através de um tratamento audiovisual, apresenta desafios próprios. A maior parte dos antropólogos que utilizaram este recurso destinaram, conscientemente ou não, seus trabalhos ao público especializado (2). Já, o diálogo com o chamado "grande público" exige uma mudança radical nos parâmetros de transmissão de conhecimentos, que poucos antropólogos tiveram a oportunidade de experimentar. Outra possibilidade, em expansão, consiste em destinar trabalhos audiovisuais às comunidades estudadas, na forma de experiências que foram, durante muito tempo, concebidas como a produção de "sub-produtos" da pesquisa acadêmica.

O atual fenômeno de intercâmbio globalizado de imagens e o crescente acesso que os povos indígenas têm à mídia, alteraram sensivelmente - e positivamente - as possibilidades de estudo antropológico de processos de construção de representações culturais. Trata-se de perceber as demandas entrelaçadas nos extremos de uma cadeia de comunicação: de um lado, a demanda de nossa sociedade enquanto público, do outro, a demanda das comunidades indígenas. E vice-versa. A investigação de experiências de intercâmbio e de justaposição de diferenças culturais, restituiria, assim, ao antropólogo um papel de intermediário na troca de conhecimentos. Caberia a ele

² Esta abordagem apresenta sobretudo interesse didático, na medida em que documentos audiovisuais são complementos significativos na formação de profissionais da Antropologia, contextualizando o trabalho etnográfico que se pretende 'retratar': como se aproximar do grupo estudado, como entendê-lo a partir de 'insights', como registrar os dados em função de sua presença no cotidiano da pesquisa, como esses dados são recortados em função de hipóteses interpretativas, etc... Uma das principais características desta prática da antropologia audiovisual é de pretender descrições completas. Mas tanto quanto na forma escrita, a voz do antropólogo domina nos temas privilegiados por esta sub-divisão da Antropologia. E, por conseguinte, os destinatários dessas explicações, apresentadas em forma de minuciosas contraposições de interpretações são, também, os antropólogos.

saber apresentar, entre nós, o ponto de vista dos índios, cabendo a ele também restituir aos índios o olhar que nossa sociedade coloca sobre eles. A escolha dessa perspectiva de mediação exige, como propõe F. Heritier Augé (1992), algumas opções metodológicas, que consistem, essencialmente, numa melhor articulação das respectivas demandas de conhecimento, como segue:

1) Abandonar a perspectiva do relativismo cultural, que parte do pressuposto de que as sociedades são intraduzíveis uma na outra. Ao contrário, o processo criativo de desconstrução e reconstrução da realidade, que cabe ao antropólogo, consiste em viabilizar a identificação, selecionando pontos de vista de nossa sociedade a serem atingidos pelo ponto de vista dos outros, que se quer transmitir. A vantagem do audiovisual para a comunicação intercultural reside em grande parte no impacto da imagem, que impõe conceitos éticos, sentimentos, sensações que transcendem a diversidade das culturas: por serem atos de percepção, elas aproximam.

2) Simetricamente, cabe ao antropólogo escolher, nas demandas de comunicação e intercâmbio de um grupo indígena, aqueles aspectos mais diretamente relacionados com sua experiência de contato com nossa sociedade. No Brasil, os povos indígenas saíram do isolamento e neste processo, formularam demandas específicas para a nossa sociedade, que são raramente abordadas em filmes etnográficos. A maior parte desses documentários, entretanto, apenas continuam evidenciando o fascínio dos antropólogos pelos saberes tradicionais que, enquanto especialistas, se propõem desvendar em seus trabalhos. O ponto de vista mais freqüentemente expressado nas produções audiovisuais que tratam de processos de mudança cultural, continua sendo saudosista, diante do desaparecimento de técnicas ancestrais; muitas produções persistem em abordar a situação dos índios nos termos impostos pelos preconceitos comum de “povos ameaçados”. Aspectos diversos da globalização da cultura, costumam ser tratados de forma empobrecida na produção destinada ao grande público, especialmente quando se limita à simples denúncia das “perdas” “sofridas” pelas culturas “dominadas”.

Para intervir neste cenário, é preciso atentar para um ponto essencial na pauta da Antropologia contemporânea: o de compreender significados políticos da produção e do uso de diferenças, que por muito tempo foram atrelados à perpetuação de desigualdades. Abordar, por exemplo, o fascínio que tecnologias e saberes de nossa sociedade exercem sobre as populações indígenas, pode ser tratado no registro das ameaças que estariam pairando sobre “técnicas ancestrais” em vias de desaparecimento; inversamente, podem ser entendidas enquanto demandas e alternativas dos próprios índios diante da ampla convivência com nossas formas de "desenvolvimento". Neste caso, descrever seus interesses particulares em adquirir novos saberes, o modo como estes conhecimentos são traduzidos e adaptados, através de processos criativos, nos traz revelações muito mais esclarecedoras acerca das diferenças culturais.

Esta perspectiva articula-se a um dos preceitos básicos da etnografia, que preconiza descrições miúdas e localizadas. Quando se recorre a este instrumento clássico da antropologia, evidencia-se a impossibilidade de restringir a descrição de uma sociedade indígena tomada como unidade fechada e incomunicável, como se fosse uma espécie rara a ser comparada com outra cultura distante. E é justamente em função desse contexto ampliado de comunicação em que essas sociedades vivem hoje, que as etnografias passaram a tratar predominantemente de questões relacionadas ao processo de constante revisão e re-construção de suas identidades. As trajetórias particulares de povos indígenas nos trazem conhecimentos e interpretações que eles fazem, para si mesmas, a respeito de nossas diferenças culturais e da convivência com nossa sociedade. Assumir como foco esse contexto de intercâmbio consiste em abandonar a perspectiva da distância cultural para privilegiar a da aproximação. Uma das vertentes mais interessantes nessas etnografias do contato é a que prioriza o entendimento da demanda de interação que esses povos colocam para nossa sociedade.

É interessante ressaltar que, no bojo de situações de contato e intercâmbio cada vez mais intensos, abrem-se aos antropólogos novos espaços de mediação, que não se reduzem à transmissão das vozes

captadas em suas estadias em aldeias, mas enveredam pela troca de conhecimentos e pelo debate acerca de formas novas de produção das diferenças culturais (3).

Assim, quando os antropólogos deixam de se assumir como autores privilegiados da visibilidade indígena, ou como coadjuvantes na difusão das vozes das comunidades com as quais trabalham, há ainda um longo caminho a ser percorrido para que a mídia televisiva se abra ao diálogo direto com os índios. Seus interesses em relação à nossa sociedade, suas versões a respeito da convivência inter-étnica continuam mediadas. Via de regra, a maior parte das produções sobre a temática indígena difundidas na grande mídia, continua fazendo uso de especialistas que identificam as culturas e identidades indígenas àqueles traços exóticos que servem a distanciar "eles" de "nós". No Brasil, um país que ainda tutela "os índios", as produções mediáticas continuam se apropriando dos povos indígenas em função de seu altíssimo valor simbólico, usado à serviço de nossos interesses e diferenças.

A riqueza cultural de que os antropólogos procuram se aproximar resultaria, ao contrário, de um mergulho no imenso painel de traduções, microscópicas, contextualizadas e localizadas, que esses povos produzem a respeito de suas posições e auto-imagens. Como sugere Carneiro da Cunha (1999), cabe-nos focalizar os modos peculiares de tradução cultural que esses povos constroem na sua relação com um mundo em expansão. Neste imenso painel de diferenças, não há como pensar em um sistema mundial, pois "o sistema global não dá conta dos problemas de construção de sentido... É no nível local que devem se concentrar nossos esforços, uma vez que os modelos locais não cessam de serem postos em prática, para dar conta da expansão das redes de relações sociais e econômicas com as quais as sociedades indígenas se deparam". Como afirma a autora, "o

³ Ver abordagens propostas por Appadurai (1996) e Bahba (1998), para quem "a diferença cultural é o processo de enunciação da cultura como "conhecível", legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural. Se a diversidade é uma categoria da ética, estética ou etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações DA cultura ou SOBRE a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referencia, aplicabilidade e capacidade"(1998:61).

local mantêm seus poderes, e é até a fonte dos maiores poderes" (1999:232).

Referências bibliográficas

Albert, B. - L'or cannibale et la chute du ciel. Une critique chamanique de l'économie politique de la nature - in: L'Homme, 126/8 La remontée de l'Amazone, 1993.

Appadurai, A. - Modernity at Large, Cultural dimensions of globalization - Univ. of Minesota Press, 1996.

Bahba, H.K. - O local da cultura - Ed. UFMG, Belo Horizonte, 1998.

Carneiro da Cunha, M. - Xamanismo e tradução - in: Novaes, A. "A outra margem do ocidente", Companhia das Letras, São Paulo, 1999.